

Lexias de origem africana no português falado em Luanda-Angola

Lexical units of African origin in Portuguese spoken in Luanda-Angola

Lexias de origen africano en portugués hablado en Luanda-Angola

Josimar Santana Silva

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS/ Brasil)

josimaa.santanna@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-2897-3480>

Silvana Silva de Farias Araújo

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS/ Brasil)

Silvana.uefs.2014@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-5561-3179>

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo identificar e apresentar algumas lexias de origem africana no português falado em Luanda, a fim de testar a hipótese de que há lexias de origem africana no português falado em Luanda e que algumas assumem um novo significado, levando em consideração as situações de contato linguístico. Como metodologia, consideraram-se, primeiramente, as lexias presentes no *corpus* e, com o auxílio da ferramenta computacional *AntConc*, elaborou-se uma lista de palavras passíveis de análise. As análises foram feitas considerando as obras de Assis Júnior (1947), Castro (2001; 2002) e Coutinho (2010). Os resultados confirmam que existem lexias de origem africana na língua portuguesa falada em Luanda e que algumas delas assumem significados diferentes dos tradicionais. Esses fatos se devem ao contato das línguas nativas com o português.

* Sobre os autores ver página 189.



PALAVRAS-CHAVE: Léxico; Português; Línguas Africanas; Luanda.

ABSTRACT

This work aims to identify and present some lexias of African origin in Portuguese spoken in Luanda, in order to test the hypothesis that there are African origin lexias in Portuguese spoken in Luanda and that some assume a new meaning, taking into account the situations of linguistic contact. As a methodology, we considered, first, the lexia present in the corpus and, with the help of the Antconc computational tool, a list of words that could be analyzed was elaborated. The analyses were made considering the works of Assis Júnior (1947), Castro (2001; 2002) and Coutinho (2010). The results confirm that there are African origin lexias in the Portuguese language spoken in Luanda and that some of them have different meanings than traditional ones. These facts are due to the contact of the native languages with Portuguese.

KEYWORDS: *Lexicon; Portuguese; African languages; Luanda.*

RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo identificar y presentar algunas lexias de origen africano en el portugués hablado en Luanda, a fin de probar la hipótesis de que hay lexias de origen africana en el portugués hablado en Luanda y que algunas adquieren un nuevo significado, teniendo en cuenta las situaciones de contacto lingüístico. Como metodología, se consideraron, primeramente, las lexias presentes en el corpus y, con el auxilio de la herramienta computacional AntConc, se elaboró una lista de palabras susceptibles de análisis. Los análisis fueron hechos considerando las obras de Assis Júnior (1947), Castro (2001; 2002) y Coutinho (2010). Los resultados confirman que existen lexias de origen africana en la lengua portuguesa hablada en Luanda y que algunas de ellas asumen significados diferentes de los tradicionales. Estos hechos se deben al contacto de las lenguas nativas con el portugués.

PALABRAS-CLAVE: *Léxico; Portugués; Lenguas Africanas; Luanda.*

1 Introdução

Não é novidade afirmar que a língua portuguesa está presente na Europa, América, Ásia, África e Oceania. Sua expansão aconteceu quando os portugueses, nas grandes navegações, decidiram procurar novos territórios a fim de aumentar a sua riqueza, por meio da extração e comercializações de minerais e matérias-primas. Oliveira (2013) estima que existam no mundo entre 221 a 245 milhões de falantes como primeira ou como segunda língua

em variados graus de proficiência, e que, até o ano de 2060, a previsão é de 90 milhões de falantes de português somente entre Angola e Moçambique.

A variação é intrínseca às línguas, todavia, é importante ressaltar que situações de contato linguístico corroboram ainda mais para essa efetivação. Assim como outras línguas, o português também conta com variações, no entanto, o contato com as demais nações, a exemplo de Angola, contribuiu (ou continua contribuindo) para tal variação, sobretudo, no que se refere à incrementação do léxico, além de modificações de ordem morfológica, sintática, semântica, morfossintática, fonética, fonológica e pragmática.

As variações que ocorrem em uma língua são inevitáveis, isto é, toda e qualquer língua é passível de mudanças, porém este trabalho partiu-se da hipótese de que o contato entre o português e as línguas autóctones africanas intensificou (ou continua intensificando) esse processo, a exemplo da contribuição para a variação e mudança por meio da incorporação de outras unidades lexicais que não são de origem europeia.

É importante perceber que nas regiões em que o português se constituiu enquanto oficial, sofreu grandes influências das línguas locais já existentes nesses territórios, enriquecendo, dessa forma, o seu acervo lexical, como é o caso de Angola, em que, antes da colonização portuguesa, já existiam línguas nativas, especialmente as do grupo bantu¹ e khoisan.

Castro (2005) mostrou que existiam mais de 300 línguas faladas em várias regiões da África. Em pesquisas mais recentes, Petter (2015) constatou que a África abriga um dos maiores acervos linguísticos do mundo, isso se dá pelo fato de o continente possuir mais de 2 mil línguas autóctones e as provenientes da colonização, a exemplo do português falado em Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe.

Salienta-se que as múltiplas circunstâncias de contato linguístico fizeram com que as línguas faladas em regiões distintas contraissem outras particularidades fonético-fonológicas, morfossintáticas e lexicais. Com a língua portuguesa não foi diferente, o contato direto com as línguas autóctones africanas fez com que outros elementos linguísticos se incorporassem a essa

¹ O termo *bantu* é empregado para se referir a um grupo de línguas do qual se pode identificar famílias e subfamílias linguísticas, línguas e dialetos. O *banto*, quando escrito com a vogal “o”, de acordo com Fiorin e Petter (2014), corresponde a uma forma aportuguesada da escrita do termo, o que serve para a melhor compreensão do leitor. No entanto, emprega-se no presente estudo o termo *bantu*, haja vista que obedece à grafia técnica linguística.

nova realidade. Em algumas situações, os contatos linguísticos geraram novas línguas, as chamadas línguas crioulas².

Sabendo que o contato linguístico contribui ainda mais para a diversidade linguística presente na África, a presente pesquisa partiu da seguinte problemática: quais lexias³ de línguas autóctones africanas estão sendo utilizadas na variedade do português falado em Luanda? Estabeleceu-se como objetivo geral *identificar e apresentar lexias de origem africana presentes no português falado em Luanda, mostrando seus sentidos utilizados no cotidiano*. Para tal, destaca-se a hipótese de que essas lexias possam ter sofrido alterações nas suas acepções tradicionais devido ao intenso contato linguístico.

Salienta-se ainda que o trabalho aqui apresentado é um recorte da dissertação de mestrado intitulada *Léxico de origem africana no português falado em Luanda*, defendida no Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)

2 As línguas autóctones africanas

A África é marcada por um forte multilinguismo, haja vista que a presença de diversas línguas e variedades linguísticas convivendo entre si no mesmo espaço acaba proporcionando uma singular e complexa forma de enxergar a cultura e marcar a realidade linguística do seu território diante do mundo.

Existem, na África, diversos grupos linguísticos, no entanto o *bantu*, primeiro grupo estudado cientificamente, sempre despertou a curiosidade de pesquisadores, pois apresenta diversos traços comuns em diferentes línguas.

É importante salientar que o termo *bantu* foi utilizado por Bleek, em 1862, para nomear a família linguística que descobriu, composta por línguas de um mesmo tronco. Posteriormente, o termo foi utilizado por outros pesquisadores de áreas diferentes para designar indivíduos que habitavam o território situado abaixo da linha do Equador (CASTRO, 2001).

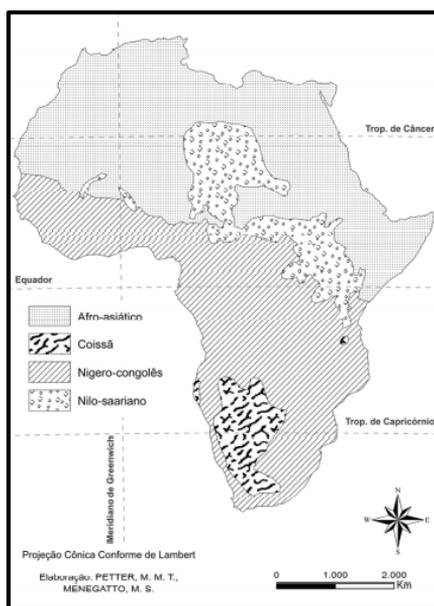
² De acordo com Tarallo e Alkmin (1987, p. 95), caracteriza-se como línguas crioulas um conjunto de línguas que está relacionado historicamente a situações de contato entre populações com marcas linguísticas, culturais e etnicamente diferentes. Devido a situações de contato as línguas crioulas deixam transparecer evidências lexicais da língua que contribuiu de forma majoritária para a sua constituição lexical. Grande parte dessas línguas surgiu a partir do processo de colonização europeia na África, na região das Antilhas, Caribe e na Ásia. Na África, verificam-se línguas crioulas, por exemplo, em São Tomé e Príncipe, Cabo Verde e Guiné-Bissau.

³ A definição de lexias utilizada no presente trabalho leva em consideração a o conceito de Biderman (1984b, p. 140) “Lexia é a forma que um lexema assume no discurso”.

Greenberg, no ano de 1955, classificou as línguas faladas na África, afirmando que as do grupo *bantu* e as sudanesas ocidentais vão além de um grau de aparências, pertencem a uma única família denominada de Níger-Congo (CASTRO, 2001).

Nessa classificação, Greenberg apresentou quatro troncos linguísticos: Congo-Cordofaniano, Nilo-saariana, Coissã e Afro-asiática. No entanto, Petter (2015) mostra que atualmente a classificação dada por Heine e Nurse (2000) é a que mais se aproxima da realidade linguística africana. O Mapa 1 mostra a distribuição dos quatro principais troncos linguísticos africanos:

Mapa 1. Classificação dos troncos linguísticos africanos



Fonte: Heine e Nurse (2000) adaptado por Petter (2015).

Castro (2002) afirma que o tronco **Afro-Asiático** é composto por mais de 300 línguas, somando 250 milhões de falantes. Essas línguas são também faladas na Ásia, seus ramos mais conhecidos são o semítico, que compreende o árabe e as línguas etíopes, o egípcio antigo, o berbere, cuxítico e o chádico. Kukanda (2020) mostra que uma das línguas mais destacadas desta família pelo seu subgrupo etíópico é a língua nacional da Etiópia, o amhárico.

O tronco **Coissã** ou **Khoisan**, de acordo com Kukanda (2020), ocupava, possivelmente, uma boa parcela do continente africano antes da expansão dos povos que falavam as línguas de um dos ramos do Niger-Congo.

Como mencionado por Castro (2002), a principal característica desse tronco é o uso de “cliques” como fonemas, mas nota-se ainda um amplo uso de consoantes. Embora seja o grupo que abriga as línguas mais antigas, o khoisan é considerado um grupo menor, possuindo somente cinco ramificações.

O maior tronco linguístico é o **Nigero-congolês**, que conta com 1.524 línguas (LEWIS *et al*, 2014 *apud* PETTER, 2015). Esse tronco estende-se por parte da África ao sul do Saara, inclui quase toda a África ocidental, central, oriental e meridional. Apresenta ainda cerca de 470.000.000 usuários, entre os quais estão os falantes de línguas majoritárias da África (PETTER, 2015).

O Nigero-congolês é subdividido em outras famílias, dentre elas a bantu, que é o grupo mais extenso e conhecido; as línguas desse grupo ocupam uma área muito vasta no continente africano, como mostra o mapa 2.

Mapa 2 . Domínio do tronco linguístico é o Nigero-congolês



Fonte: Heine e Nurse (2000) adaptado por Petter (2015).

A família **Nilo-Saariana**, de acordo com Petter (2015), é falada em 15 países da África, com expressivo número de falantes, no entanto, percebe-se uma questão complexa no que se refere ao indicativo da quantidade de línguas que há nesse grupo, pois tudo depende de como se separa língua de dialeto (PETTER, 2015).

Castro (2002) e Kukanda (2020) mostraram que essa família estende-se numa distância de quase 6.000 km de leste ao oeste e que existem mais de cem línguas faladas por cerca de 30 milhões de pessoas que vivem no Sudão, Etiópia, Uganda, Quênia, norte da Tanzânia e sul do Saara. As línguas mais populares desta família são dinka, shilluk, nuer, massai e mangbetu, no nordeste da República Democrática do Congo.

Feitas essas considerações mais gerais acerca da diversidade linguística africana, passa-se a discorrer, na próxima seção, de forma mais particularizada, sobre a realidade linguística angolana, objeto deste trabalho.

3 O português e as línguas autóctones africanas no território angolano

O território angolano é marcado por um intenso multilinguismo, isto é, várias línguas nativas convivem com a portuguesa, imposta pelos europeus durante o período de colonização.

É importante ressaltar que Angola abriga uma enorme diversidade linguística oriundas do grupo *bantu* como o umbundu, kikongo, kimbundu e outras; do khoisan e o português. Cabe salientar que as línguas khoisan são faladas por grupos mais isolados, o português por uma parcela significativa (cerca de 70%) e as *bantu*: umbundu, segunda língua mais falada (cerca de 20%), kikongo e kimbundu (cerca de 8%) (INE, 2014).

Segundo Castro (2001), o umbundu é falado pelos povos ovimbundu, localizados ao longo de uma região extensa e povoada. Essa área abrange a província de Bié, Huambo e Benguela na faixa sul de Angola. Uma das principais características do umbundu é a presença de um antigo demonstrativo “o-”, isso acontece somente diante dos prefixos classificatórios.

O kikongo, embora seja uma língua não tão difundida como o umbundu, também está presente em Angola. É tradicionalmente falada pelos povos bacongus, em uma área que corresponde ao antigo Reino do Congo (PETTER, 2007).

Salienta-se que o kikongo é uma das línguas nacionais de Angola, da República Popular do Congo e da República Democrática do Congo. Castro (2001) mostra que dos seus falares regionais são, em grande número, no Congo-Brazzaville, na região central, o *kitando* e, na região nordeste, o *kilari*; em Angola é registrada a presença do *fiote*, em Cabinda.

O kimbundu, por sua vez, está concentrado na região central de Angola, isto é, entre as cidades de Luanda, Malanje, Bengo e Kwanza-Norte até o município de Ambriz (CASTRO, 2001).

O kimbundu é uma das diversas línguas bantu que são faladas pela população angolana, mais precisamente na capital Luanda, nas províncias de Malanje, Kwanza-Norte, Bengo, nas zonas fronteiriças ao Sul das províncias de Wiji e do Zaire, assim como nas ao Norte da província de Kwanza-Sul (MINGAS, 2000, p. 35).

Diante disso, percebe-se que o kimbundu compreende a segunda língua nativa mais falada em Angola, perdendo apenas para o umbundu que chega a ser falado por mais de 20% da população, de acordo com o último censo realizado em 2014. Historicamente, o kimbundu é a língua dos povos Ambundu que, por questões de sobrevivência, precisaram abandonar o campo e migrar para a cidade.

No que concerne à língua portuguesa, é sabido que esta é proveniente do continente europeu e, por decorrência do fenômeno da colonização, estabeleceu-se em Angola como forma de dominação, passando a ser considerada como oficial do país anos mais tarde. Segundo Timbane, Santana e Afonso (2019), o português é uma língua angolana de genealogia europeia, visto que se observa um número crescente de falantes como língua materna.

É importante lembrar que a língua portuguesa entrou em contato com as demais línguas nativas presentes na região a partir do momento em que os portugueses desembarcaram em terras africanas, isso mostra que “tratar de algumas variedades do português leva quase inevitavelmente a falar dos contatos linguísticos, como é o caso das variedades africanas do português” (ARAÚJO; PETTER; JOSÉ, 2018, p. 17).

Para Mingas (2000), a língua portuguesa é a única oficial da colônia portuguesa de Angola, uma vez que havia decreto para províncias coloniais obrigando a utilizar a língua do país. Constitui-se numa língua que pertence à família indo-europeia, falada em cinco continentes: Europa, África, América do Sul, Oceania e Ásia.

4 Comunidade de fala de Luanda

A história registra que a chegada dos portugueses em Angola se deu por volta do ano de 1575. Nesse período ainda ocorreu uma política de disseminação da língua portuguesa em Angola. Aos filhos dos portugueses era concedido o direito de frequentar a escola e a nacionalidade portuguesa.

O domínio da língua portuguesa e a apropriação dos costumes e da tradição europeias se constituíam como decisivas para os grandes cargos e outras funções no governo colonial. Dessa forma, os povos africanos permaneciam cada vez mais banidos de direitos sociais e políticos, uma vez que o governo colonial não lhes dava condições necessárias para a participação (ARAÚJO; DANTAS, 2017).

Data-se que, por volta do ano de 1576, o território foi oficialmente fundado por ordens do Rei D. Sebastião, que objetivava tornar Luanda entreposto comercial para os portugueses. Já havia nesse local um pequeno quantitativo de europeus e africanos vindos, especialmente de São Tomé, para a intensificação do comércio de pessoas escravizadas (INVERNO, 2008).

Para governar Luanda, núcleo da colônia, foi enviado Paulo Dias de Novaes, escrivão da Fazenda Real e fidalgo da Casa Real Portuguesa, o qual o governo português concedeu-lhe o direito de povoamento, bem como a construção de fortes e igrejas. De acordo com Inverno (2008), ainda não se sabe, ao certo, informações sobre a língua das pessoas que se juntaram ao governador, mas, certamente, as línguas africanas estiveram presentes nesse momento enquanto principal para a comunicação, exemplo disso está na figura da rainha Nzinga Mbandi⁴ que falava várias línguas africanas, além de compreender a língua e a cultura portuguesa.

Luanda apresenta uma heterogeneidade linguística atualmente, no entanto tem como língua oficial o português que convive com diversas línguas de origem africanas das famílias bantu e khoisan. Além desse contato, de acordo com Araújo e Dantas (2017), a diversidade linguística presente em Luanda se deu também a partir do momento que pessoas de outras regiões do

⁴ É também conhecida como símbolo da resistência ao colonialismo português, pois com a intensificação do comércio de escravizados pelos portugueses e a guerra contra o reino do *Ndongo*, mostrou-se uma importante negociadora ao ser enviada pelo irmão, herdeiro do rei Ngola Mabandê, à Luanda, um dos maiores centros de exportação de escravizados do continente africano, com a intenção de negociar um acordo de paz que viria a constituir o respeito à soberania do reino. Salienta-se que Nzinga, além de conhecer muito bem diversas línguas africanas, conhecia também a língua e a cultura portuguesa, uma vez que teve muito contato com os portugueses que passavam pelo reino de *Ndongo*.

país se instalaram nessa região à procura de segurança e trabalho, especialmente a partir das lutas pela independência em 1975.

Luanda é caracterizada por um multilinguismo, abrigando inúmeras línguas africanas, sobretudo do tronco banto: umbundo, kikongo, kimbundo, entre outras. Esse cenário linguístico começou a configurar-se a partir da segunda metade do século XIX, quando muitas pessoas, falantes de suas línguas nativas, oriundas das diversas províncias de Angola, sofrendo as consequências da Guerra Civil que perdurou de 1975 a 2002, buscando melhores oportunidades de vida e segurança, migraram para Luanda. Ao chegarem à Luanda, esses migrantes, para sobreviverem, adquiriram, de forma assistemática, através da oralidade, sem interferência da escola, a língua oficial – o português (SILVA; SENE; ARAUJO, 2018, p. 341).

Em suma, observa-se que a luta pela independência teve como consequência um vasto processo de migração das pessoas para os grandes centros urbanos, a exemplo de Luanda, à procura de melhores condições de vida. Entretanto, embora falassem línguas aparentadas os angolanos imigrantes foram obrigados a aprender o português para a comunicação.

O multilinguismo em Luanda é uma realidade que antecede a chegada dos portugueses, todavia a colonização portuguesa, além de contribuir para o apagamento das línguas autóctones africanas, através de decretos administrativos em que os cidadãos eram obrigados a falar o português, colaborou ainda mais para a diversidade linguística daquela região, pois os colonizadores levaram consigo uma língua que seria somada as que ali já existiam. Aqueles que ali se fixaram, eram, principalmente, os criminosos e excluídos da sociedade portuguesa, abandonando a língua e os hábitos de origem (MINGAS, 2000).

O Censo de 2014 trouxe informações acerca das línguas faladas em Luanda, apontando o português como majoritária, no entanto não mostra se esse domínio leva em consideração os falantes da língua enquanto materna (L1), se adquirida (L2) ou de uma forma generalizada. Isso impossibilita uma discussão mais aprofundada a respeito do quantitativo de falantes das línguas enquanto L1 ou L2

Atualmente, Luanda ainda é marcada por intenso multilinguismo, isto é, existem diversas línguas convivendo com a língua oficial: a portuguesa. Como supracitado, esse fato deve-se ao movimento de migração provocado pela guerra de independência, à procura por melhores condições de vida e a

outros fatores sociais. Cabe salientar que Luanda desde a sua formação já possuía uma diversidade muito grande de línguas, no entanto esse movimento fez com que esse número se intensificasse.

De acordo com Araújo e Dantas (2017), em Luanda, além do contato linguístico, é preciso considerar ainda os contatos com as línguas locais, uma vez que a cidade recebeu muitos indivíduos de diversas partes do país em busca de segurança e estabilidade durante a luta pela independência. É nesta perspectiva que Teixeira e Almeida (2011) afirmam que hoje, raramente, é impossível encontrar um falante monolíngue das línguas nacionais.

Assim sendo, a realidade linguística atual de Luanda é muito complexa. Observa-se, porém, que o português ocupa uma posição de 71% dos falantes, de acordo com Censo de 2014, vista a disseminação da língua portuguesa e sua oficialização. As línguas da família bantu também são, principalmente o umbundu, kimbundu e kikongo.

Existem, no entanto, discussões sobre criação de políticas mais efetivas que possam valorizar as línguas nacionais, como previsto no Art. 19º da Constituição da República de Angola de 2010⁵, haja vista a necessidade da compreensão de todo o contexto comunicacional e a valorização de tais línguas que, por sua vez, podem ser perdidas, levando consigo todas as suas marcas históricas, culturais e políticas.

5 Metodologia

O *corpus* analisado foi retirado das entrevistas sociolinguísticas do tipo Informante e Documentador, realizadas nos anos de 2008 e 2013 em Luanda, capital da Angola. As entrevistas pertencem à coleção do Projeto *Em busca das raízes do português brasileiro*, aprovado pelo Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão no ano de 2009 (CONSEPE, 0036/09). Para a realização das entrevistas, houve a submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP/UEFS). O número do Parecer favorável à sua realização é 140.511. O número do CAAE é 04641412.7.0000.0053. A data da Relatoria é 27/11/2012.

⁵ O Artigo 19º da Constituição da República Angolana diz respeito à língua oficial do país, publicada na 1ª Série do Diário da República N.º 23 de 5 de Fevereiro de 2010 e retificada pela Declaração inserta na 1ª Série do Diário da República N.º 165 de 31 de Agosto de 2010. Assim mostra: Artigo 19.º (Línguas) 1. A língua oficial da República de Angola é o português. 2. O Estado valoriza e promove o estudo, o ensino e a utilização das demais línguas de Angola, bem como das principais línguas de comunicação internacional.

A fim de compor a amostra, foram levados em consideração princípios como o da escolha aleatória dos participantes da pesquisa, embora tenham sido seguidos critérios prévios para a composição dos participantes a exemplo do local de nascimento, nível de escolarização, língua materna e outros.

Para nortear as entrevistas, foi elaborado um roteiro com cerca de 30 perguntas, a partir de aspectos relacionados à cultura do lugar. É importante destacar que esse roteiro, no decorrer das 66 entrevistas, sofreu adaptações conforme o desenvolvimento das entrevistas e das situações em que foram concretizadas.

Além das informações básicas como nome, escolarização, língua materna, faixa etária e local de nascimento, as perguntas foram feitas levando em consideração o cotidiano dos participantes como, por exemplo, o veículo de comunicação que mais utilizavam para manter-se informados, se gostavam de algum programa de TV, se tinham filhos e como seria criá-los diante da sociedade, como estava sendo concretizada a educação das crianças nas escolas, se os filhos escutavam os pais da mesma forma que os participantes escutavam e se apresentavam o mesmo comportamento quando os pais chamam atenção.

Foram perguntadas quais línguas africanas os praticantes falam, em que situações e com quem utilizam. Com relação às línguas nativas os participantes expuseram seu ponto de vista acerca da importância do ensino de línguas nacionais na escola. Foram tratados diversos temas durante o processo de coleta de dados.

A amostra está dividida em falantes do português como língua materna (L1) composta por 30 entrevistas e falantes do português como segunda língua (L2), composta por 36 entrevistas, somando um quantitativo de 66 entrevistas. O grupo L1 é constituído por 11 entrevistas das faixas etárias A (21 a 35 anos), 09 da faixa B (36 a 51 anos) e 09 da faixa C (52 anos em diante). A escolaridade também se apresenta como uma variante relevante para a composição do *corpus*, haja vista que poderão ser diferenciadas marcas linguísticas pelo grau de escolarização dos participantes.

As tabelas 1 e 2 apresentam a seleção das amostras utilizadas para análise das lexias na pesquisa. Cabe salientar que foi escolhido o grupo L1 para análise dos dados, ou seja, o grupo que a língua portuguesa se constitui enquanto materna, a escolha se deu pelo fato de que a pesquisa consiste em analisar as lexias de origem africana presentes no português falado em Luanda.

Tabela 1 . Distribuição dos participantes do sexo masculino para compor a amostra

PARTICIPANTES DO SEXO MASCULINO			
Faixa etária	A – 21 a 35 anos	B – 36 a 51 anos	C – 52 anos em diante
Nível 1 de escolaridade	02 entrevistas	01 entrevista	02 entrevistas
Nível 2 de escolaridade	01 entrevista	02 entrevistas	02 entrevistas
Nível 3 de escolaridade	02 entrevistas	01 entrevista	02 entrevistas

Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

Tabela 2. Distribuição dos participantes do sexo feminino para compor a amostra

PARTICIPANTES DO SEXO FEMININO			
Faixa etária	A – 21 a 35 anos	B – 36 a 51 anos	C – 52 anos em diante
Nível 1 de escolaridade	02 entrevistas	02 entrevista	01 entrevista
Nível 2 de escolaridade	02 entrevistas	01 entrevista	01 entrevista
Nível 3 de escolaridade	02 entrevistas	02 entrevistas	02 entrevistas

Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

As tabelas mostram a seleção das entrevistas feitas pelos autores para compor a amostra deste trabalho. Salienta-se que é constituída por 30 entrevistas divididas por sexo, sendo 15 homens e 15 mulheres das faixas etárias A (21 a 35 anos), B (36 a 51 anos) e C (51 anos em diante). Divididas ainda levado em consideração o grau de escolaridade sendo o nível 1 o ensino primário, nível 2 o ensino secundário e nível 3 o ensino superior.

Foi escolhido apenas o grupo L1 pelo fato de o material já encontrar-se atualizado, com suas devidas transcrições realizadas. Por ser um material muito extenso e apresentar-se em fase de atualização das transcrições, o grupo L2 ainda não foi totalmente concluída a atualização dos dados.

Levando em consideração os princípios da lexicografia moderna, observaram-se, primeiramente, as lexias e, com o auxílio da ferramenta computacional *AntConc*, foi elaborada uma lista de palavras passíveis de análise.

A pesquisa consistiu-se em analisar todas as lexias encontradas na entrevista, para tal, fez-se necessária a sua organização em arquivo no *Microsoft*

Word. Em seguida, o arquivo selecionado foi convertido para o formato *txt*, único aceito pela ferramenta computacional *AntConc*.

Após esse processo, carregou-se o arquivo já convertido no programa e uma lista com todas as lexias presentes na entrevista foi criada de forma automática, acionando no menu *Wordlist* do programa utilizado.

Posteriormente à criação dessa lista, as lexias foram analisadas considerando os verbetes de Castro (2001, 2002), além de ser consultado também o dicionário kimbundu-português, de Assis Júnior (1947) e Coutinho (2010).

Foram realizadas as análises das lexias confirmando, nas obras citadas, suas acepções e as abonações encontradas no *corpus*. Ressalta-se que as apreciações seguiram uma perspectiva semasiológica que parte da palavra para o seu significado.

6 Lexias de línguas africanas no português falado em Luanda

Ao analisar as entrevistas, obtiveram-se os seguintes resultados: na Faixa A, foram analisadas pouco mais de 37 mil lexias e encontradas 53 lexias de origem africana. Na Faixa B, analisaram-se 29.701 lexias, as quais 11 constataram-se ser de origem africana. A Faixa C somou 29.316 lexias, sendo que 31 são de origem africana. É importante salientar que nem todas as entrevistas apresentaram lexias de origem africana, assim como algumas apresentaram lexias repetidas.

Outro aspecto que vale destacar é a quantidade de lexias que são utilizadas por mais de um participante, isso indica que tais lexias estão em uso constante pela comunidade de fala, mesmo que não encontradas em todos os inquéritos.

Os resultados evidenciaram a presença de lexias de origem africana na referida região, uma vez que são diversas línguas convivendo entre si o que reforça a teoria do contato linguístico, capaz de transmitir diversas características de uma língua para outra como, por exemplo, a importação lexical.

Da mesma forma que Avelar e Galves (2013) fazem menção aos aspectos linguísticos do português brasileiro, é possível que também em Luanda o contato linguístico exerceu ou ainda exerce um papel fundamental na formação de propriedades do português falado naquela região em aspectos fonéticos, fonológicos, sintáticos, semânticos e lexicais. Entretanto, grande

parte das lexias utilizadas pelos participantes é proveniente do latim, o que se torna natural, uma vez que a língua oficial do país é a portuguesa, imposta pelos portugueses durante a colonização de Angola e tornada oficial posteriormente.

Diante do quantitativo de lexias analisadas nas entrevistas, foi possível perceber um número reduzido daquelas de origem africana. Esse fato mostra que as lexias podem estar restritas a grupos mais específicos (PETTER, 2007).

Outro aspecto importante a ser ressaltado está ligado às acepções das lexias. Muitas vezes os significados tradicionais não são empregados como dicionarizados, mas ligados ao contexto semântico, que acabam recebendo nova acepção. Foi possível perceber que, no uso comum, algumas formas acabam se distanciando do significado tradicional.

Assim, fica clara a comprovação da hipótese que algumas lexias de origens africanas utilizadas no português falado em Luanda apresentam acepções diferentes daquelas de origem, pois o contato com as diversas línguas e contextos comunicacionais pode ter modificado os significados tradicionais.

Nas lexias levantadas, percebe-se que grande parte está relacionada ao estilo de vida e à cultura dos participantes, que estão presentes em meio a outras lexias de origem latina.

A fim de ilustrar tais afirmações, segue análise das lexias encontradas. Mas antes cabe salientar que as análises foram feitas levando em consideração as obras de Castro (2001; 2002), Coutinho (2010) e Assis Júnior (1947). Para algumas lexias não foram encontradas acepções, como preconiza López (2012), no entanto foi possível observar o contexto em que foram empregadas e, então, chegar a uma aproximação do seu significado.

Abaixo foram selecionadas 6 lexias para ilustrar as análises. Salienta-se que o número de lexias aqui apresentadas seja reduzido devido à própria limitação do trabalho, contudo ilustra que o português angolano incorporou lexias de línguas autóctones africanas presentes na comunidade de fala até os dias atuais.

No Quadro 1 estão distribuídas as lexias selecionadas com suas acepções, de acordo com as obras consultadas, bem como a sua origem e classe gramatical.

Quadro 1 – Distribuição das lexias.

Lexia	Origem	Classe gramatical	Acepção
Bagunça	Kikongo	Sub. feminino	Desordem, confusão, baderna ou remexido (CASTRO, 2001).
Baia	Kimbundu	Sub. feminino	Tábua ou barroto que separa os animais, principalmente cavalos (ASSIS JÚNIOR, 1947).
Cabaça	Kimbundu/ kikongo	Sub. feminino e masculino	Saco; alforje ou mochila (COUTINHO, 2010; CASTRO, 2001).
Caçula/ caçule	Kimbundu/ kikongo	Sub. feminino e masculino	O mais novo dos filhos ou dos irmãos; o último a se manifestar; o filho mais mimado (CASTRO, 2001).
Candongá	Kikongo/ kimbundu	Sub. feminino e masculino	Fuxico, falsidade, manha, lisonja enganosa ou carinho fingido (COUTINHO, 2010; CASTRO, 2001).
Kizumbazinha/ quizumba	Kikongo/ kimbundu	Sub. feminino	Briga, confusão ou rolo (CASTRO, 2001).

Fonte: elaborado pelos autores (2021).

BAGUNÇA: a lexia é apresentada por Castro (2001) como de origem *bantu*, pertencente ao kikongo *bulungunza*, que significa “desordem”, “confusão”, “baderna” ou “remexido”.

A lexia foi encontrada em apenas uma entrevista fornecida por um homem com mais de 52 anos e nível 2 de instrução. Assim, foi pronunciada de forma a contemplar a acepção dada por Castro (2001). No entanto, é possível perceber ainda que a lexia, no sentido empregado pelo participante, embora se refira a ausência de ordem, a falta de organização ou tumulto, foi levado em consideração seu sentido mais informal, uma vez que se refere a festas agitadas, com muitas pessoas e que não é a preferência do participante.

BAIA: não é apresentada por Castro (2001, 2002), no entanto, por tratar-se de uma lexia de origem africana, possivelmente seja de origem *bantu*, uma vez que grande parte das lexias é proveniente de tal grupo.

A lexia foi pronunciada por apenas um participante, natural do Moxico e tem o português como língua materna. Part.: “É... Os taxistas dão muita “*baia*”, “*baia*” quer dizer que eles não respeitam com as regras de trânsito” (PARTICIPANTE A, p. 11).

De acordo com Assis Junior (1947), pertence à língua kimbundu, que quer dizer tábua ou barroto que separa os animais, principalmente cavalos. A depender do contexto, pode ser utilizada também para referir-se a degrau;

poleiro. Designa ainda *mosseque*, isto é, as construções mais precárias nos arredores da cidade de Luanda.

Como é possível perceber, a *lexia* é utilizada com outra acepção. “*Baia*”, no sentido utilizado pelo participante, quer dizer que os taxistas infringem as regras, são desobedientes e vacilam no que concerne ao cumprimento das leis. Isso dá margem para refletir acerca da hipótese levantada neste trabalho, uma vez que as acepções de origem africana, em contanto com outras línguas podem ter, de fato, influenciado em seus significados ou atribuído novas acepções.

As línguas africanas foram submetidas a possíveis rupturas semânticas e dialógicas. A ruptura semântica foi a mais sentida, uma vez que os sentidos das palavras se tornaram cada vez mais obsoletos, isto é, não refletiam mais a realidade africana. A de ordem dialógica refere-se ao contato inabitual das línguas africanas com novas línguas convivendo num mesmo espaço (BONVINI, 2008).

Embora o autor trate das línguas africanas transplantadas para o Brasil, é possível associar essa realidade também a Luanda, uma vez que o contato linguístico pode ter mudado os sentidos das palavras nativas, bem como promoveu o convívio das línguas nacionais com a língua portuguesa, levada pelos colonizadores.

CABAÇA: foi registrada por duas participantes com nível 2 de instrução, pertencentes a faixa A e C. De acordo com Coutinho (2010), a *lexia* está dentro do campo semântico dos utensílios em geral e significa “saco”; “alforje” ou “mochila”. É procedente do kimbundu, *kabasa*. Castro (2001) atesta o mesmo para a *lexia*, adicionando ainda a variante *mabaça*, em kikongo. Assis Júnior (1947) não atesta a *lexia* em sua obra.

Embora possua um significado, classificado enquanto um utensílio de uso cotidiano, é possível perceber que a palavra foi empregada pelo participante com outro significado, conforme mostrado a seguir. Part.: “Esse acidente foi aqui na casa *cabaça*. Um moço, ele tava [...] o carro lá e vieste e não deu conta e foi pancada e morreu e não conseguiu comer” (PARTICIPANTE A.F.C, p. 5).

É interessante perceber que, de acordo com o dicionário virtual *Infopédia*, *cabaça* pode ter outra acepção em kimbundu como a criança gêmea que nasce em segundo lugar. Levando em consideração o contexto utilizado da *lexia*, é possível que se refira ao adjetivo último, marcando a localização,

pois o participante lembra um episódio de acidente de carro que envolveu uma casa.

CAÇULA/ CAÇULE: a lexia foi utilizada por mais de um participante, isso mostra que está em uso constante pela comunidade de fala. Foram apresentadas duas variações da lexia: *caçula* e *caçule*. Contudo, ambas apresentam a mesma acepção: o mais novo dos filhos ou dos irmãos; o último a se manifestar; o filho mais mimado (CASTRO, 2001).

De acordo com Alkmim e Petter (2008), a lexia já foi apresentado por Beurepaire (1956 [1889]) e Macedo Soares (1954-1955 [1875-1888]) e apresentam até os dias atuais o mesmo significado e etimologia, kikongo (*kasuka*), kimbundu (*kasule*) e umbundu (*okmasula*). Diante disso, é possível perceber que a lexia está presente no acervo linguístico dos sujeitos e é a única usada frequentemente para designar o filho mais novo.

CANDONGA: alguns estudos contestam que tal lexia seja de origem africana, visto já aparecer em galego. No entanto, a acepção de “veículo para transporte público”, utilizada pelo participante, é provavelmente originária de alguma língua autóctone africana.

De acordo com Castro (2001) e Coutinho (2010), a palavra é de origem bantu, mais precisamente do kikongo e kimbundu, quer dizer “fuxico”, “falsidade”, “manha”, “lisonja enganosa” ou “carinho fingido”. Poderá também assumir outro sentido, de acordo com o contexto em que é empregada, como é o caso mostrado a seguir: Part.: “Entendi, e agora vamos falar das *candongas*” (PARTICIPANTE J.M, p.14).

A lexia foi pronunciada apenas por um participante para falar sobre o sistema de transporte da cidade, isto é, o táxi. No entanto, ainda não é condizente com a outra acepção atestada por Castro (2001) e Coutinho (2010): bem-querer; amor; pessoa querida; tratamento oferecido à mulher jovem.

Como falado anteriormente, *candongas*, no contexto empregado, refere-se ao transporte utilizado pelos participantes em Luanda, assumindo, assim, outra acepção. Mais uma vez é possível confirmar a hipótese de que o contato linguístico poderá ter modificado a semântica de tal lexia, ou ainda somando significados a depender a situações em que é empregada.

KIZUMBAZINHA/ QUIZUMBA: apresenta duas variantes, no entanto foi encontrada em apenas uma entrevista da faixa C, nível 2 de instrução. Cabe salientar que a faixa é caracterizada por participantes com mais de 52 anos. Isso sugere uma predileção por conservar as formas mais tradicionais de utilização das lexias, no entanto, por influências da presença de

outras línguas, é possível que aconteça a aquisição e utilização de novas formas lexicais, como mostrado a seguir.

Part.: Primeiro eu pouco gosto de bagunça, é gosto de festa assim é sílepros, uma música lenta, romântica, aprecio esta festa, também entre quando uma *kizumbazinha* para estressar um bucadidinho, tirar um bucadinho (PARTICIPANTE A.J, p. 4).

A *lexia* encontrada, embora seja de origem africana, é pronunciada com o sufixo *-zinha*, de origem latina, isso mostra a influência do português também na formação de palavras de línguas africanas em Angola.

No que concerne à sua aceção, Castro (2001) atesta a palavra como “briga”, “confusão”, “rolo”. Nesse sentido, também é empregada pelo participante. De acordo com Alkmim e Petter (2014), Macedo Soares (1954-1955 [1875-1888]) atestou que o vocábulo, “além de formar a variável *quizomba*, com o sentido de rapaziada” (ALKMIM; PETTER, 2008, p. 174), no seu sentido atual corresponde à *confusão* ou *bagunça*.

7 Considerações finais

O contato da língua portuguesa, em sua variedade europeia, com as diversas línguas autóctones africanas certamente resultou na incorporação de características lexicais das línguas africanas na língua portuguesa em Angola, existindo essa herança até os dias atuais. Essas marcas do léxico permitem perceber que a variedade angolana do português tem sua formação baseada nas diversas línguas que ali se faziam presentes no momento da colonização, tornando-se língua oficial por imposição, assinalando uma relação de poder.

Diante dos dados apresentados, percebe-se que as línguas africanas presentes em Luanda continuam colaborando para o multilinguismo, tal fato é demonstrado nas análises das *lexias* encontradas nas entrevistas fornecidas pela comunidade de fala.

Embora tenha sido encontrado um número reduzido de *lexias* de origem africana no português falado em Luanda, cabe salientar que uma possibilidade dessa redução está no fato de a coleta de dados terem sido através de entrevista tipo informante e documentador, o que pode ter inibido os participantes a utilizarem seu vocabulário diário. No entanto, ainda com

quantidade reduzida, atesta-se que o léxico de línguas africanas se encontra presente no português angolano.

Foi possível observar ainda que, diante dos dados analisados, confirmou-se a hipótese estabelecida na pesquisa de que, de fato, existem lexias de origem africana no português falado em Luanda, sendo utilizadas rotineiramente pela comunidade de fala no seu sentido tradicional, mas também obtendo uma nova acepção, justificada pelo contato linguístico.

Agradecimento: O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – Brasil (FAPESB) - Código de Financiamento 0240/2021.

Acknowledgment: This study was carried out with the support of the Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia - Brazil (FAPESB) - Código de Financiamento 0240/2021.

Agradecimiento: El presente trabajo fue realizado con apoyo de la Fundación de Apoyo a la Investigación del Estado de Bahía - Brasil (FAPESB) - Código de Financiación 0240/2021.

REFERÊNCIAS

ALKMIM, T.; PETER, M. M. T. Palavras da África no Brasil de ontem e de hoje. **África no Brasil: a formação da língua portuguesa**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 145-178.

ÁLVAREZ LÓPEZ, L. Como avançar no estudo do léxico de origem africana na América Latina?. **Revista da ABRALIN**, Curitiba v. 11, n. 2, 2012, p. 203-255.

ANGOLA. **Constituição da República de Angola 2010**. Artigo 19.º Línguas, Luanda, 2010. Disponível em: <<http://tribunalsupremo.ao/wp-content/uploads/2018/05/constituicao-da-republica-de-angola.pdf>>. Acesso em: 24 jan. 2021.

ARAUJO, P. J. P.; PETER, M. M. T.; JOSÉ, J. A. Variedades do português angolano e línguas bantas em contato. In.: OLIVEIRA, M. S. D.; ARAUJO, G. A. (org.). **O português na África Atlântica**. São Paulo: Humanitas: FAPESP, 2018, p. 17-47.

ARAUJO, S. S. F.; DANTAS, N. S. Os verbos ter e haver existenciais no português falado em Luanda-Angola. **Letrônica**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, jan. p. 64-81, 2017.

ASSIS JUNIOR, A. **Dicionário Kimbundu-Português**: linguístico, botânico, histórico e corográfico seguido de um índice alfabético dos nomes próprios. Luanda: Argente, Santos e Comp., 1947.

AVELAR, J.; GALVES, C. Concordância locativa no português brasileiro: questões para a hipótese do contato. *In*: MOURA, M. D. (org.). **Para a história do português brasileiro**. Maceió: Edufal, 2013, p. 103-132.

BIDERMAN, M. T. C. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. *In*: OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. (Org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: UFMS, 1998b, v. 1, p. 129- 142.

BONVINI, E. Os vocábulos de origem africana na constituição do português falado no Brasil. **África no Brasil: a formação da língua portuguesa**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 101-144.

CASTRO, Y. P. **A influência das línguas africanas no português brasileiro**. Salvador: Secretaria Municipal de Educação-Prefeitura da Cidade de Salvador, 2005, p. 3-12.

CASTRO, Y. P. **A língua mina-jeje no Brasil**; um falar africano em Ouro Preto no século XVIII. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro/Séc. de Estado da Cultura, 2002.

CASTRO, Y. P. **Falares africanos na Bahia**: um vocabulário afro-brasileiro. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.

COUTINHO, N. R. **Dicionário**: palavras oriundas de línguas que mais contribuíram para a formação da língua portuguesa falada no Brasil: africanas, árabe, espanhola, francesa, inglesa, italiana e tupi. Salvador: Quarteto Editora, 2010, p. 25-92.

FIORIN, J. L.; PETTER, M. M. T. (org.). **África no Brasil**: a formação da língua portuguesa. São Paulo: Contexto, 2014.

HINE, B.; NURSE, D. (org.) **African languages**: an introduction. Cambridge/New York: Cambridge University Press, 2000.

INVERNO, L. A transição de Angola para o Português: uma história sociolinguística. *In*: TORRALBA, J. R.; PIMENTA, F.T; SOUSA, J. J. (org.). **Comunidades imaginadas**: nação e nacionalismos em África. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008, p. 117-129. Disponível em: <https://digitalis->

dsp.uc.pt/jspui/bitstream/10316.2/32154/1/9%20liliana%20inverno.pdf?ln=pt-pt. Acesso em 13 jul. 2020.

KUKANDA, V. Diversidade linguística em África. **Africana Studia**, n. 3, p.101-107, 2020.

LEWIS, M. P.; SIMONS, G. F.; FENNIG, C. D. **Ethnologue: languages of the world 17**. Dallas, Texas: SIL International, 2014.

MACEDO SOARES, A. J. **Dicionário brasileiro da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1954-1955 [1875-1888].

MINGAS, A. A. **Interferência do Kimbundu do português falado em Luanda**. Luanda: Caninde, 2000.

OLIVEIRA, G. M. Política linguística e internacionalização: a língua portuguesa no mundo globalizado do século XXI. **Trabalhos em linguística aplicada**, v. 52, n. 2, p. 409-433, 2013.

PETTER, M. M. T. Línguas africanas no Brasil. **África**, n. 27-28, p. 63-89, 2007.

PETTER, M. M. T. A classificação das línguas da África. *In: _____*. **Introdução à Linguística Africana**. São Paulo: Contexto, 2015 p. 49-85.

PETTER, M. M. T. As línguas no contexto social africano. *In: _____*. **Introdução à Linguística Africana**. São Paulo: Contexto, 2015, p. 193-120.

SILVA, M. C. A.; SENE, M. G.; ARAÚJO, S. S. F. Notas sobre o português falado em Luanda: um estudo sobre sócio-história e crenças linguísticas. **Miguilim-Revista Eletrônica do Netlli, Crato**, v. 7, n. 2, p. 337-353, 2018.

TARALLO, F. L.; ALKMIM, T. M. **Falares crioulos: línguas em contato**. Editora Atica, 1987.

TEIXEIRA, E. S. P.; ALMEIDA, N. L. F. A indeterminação do sujeito no português angolano: uma comparação com o português do Brasil. **PAPIA-Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 99-111, 2011.

TIMBANE, A. A.; SANTANA, Y. F. D.; AFONSO, E. V. S. A cultura hip-hop e os angolanismos lexico-semânticos em Yannick Afroman: a língua e a cultura em debate. **Afluentes: Revista de Letras e Linguística, Bacabal**, v. 4, n. 12, p. 104-128, 2019.

Recebido em 7 de fevereiro de 2022.

*Aceito em 8 de junho de 2022.
Publicado em 28 de julho de 2023.*

SOBRE OS AUTORES

Josimar Santana Silva é mestre e doutorando em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL), da Universidade Estadual de Feira de Santana (2021), desenvolve a pesquisa intitulada "Participação africana na formação do léxico do português angolano e brasileiro", fomentada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). Possui Graduação em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Literatura, pela Universidade do Estado da Bahia (2014). Possui Especialização Interdisciplinar em Estudos Sociais e Humanidade, pela Universidade Aberta do Brasil - UAB/UNEB (2016) e em Educação do Campo pelo IF Baiano, Campus Serrinha (2019).

Silvana Silva de Farias Araújo é Doutora em Língua e Cultura e Mestre em Letras e Linguística, ambos os títulos obtidos na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Especialista em Língua Portuguesa e graduada em Licenciatura em Letras Vernáculas pela UEFS. Realizou dois estágios de pós-doutoramento: um em Linguística, na Universidade Federal de Sergipe (UFS) e outro em Língua Portuguesa, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É Professora Titular de Língua Portuguesa do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), atua nos cursos de Graduação e de Pós-Graduação.